

O PAPEL DO DISCURSO TEÓRICO NOS *CARTOONS*

AUDRIA ALBUQUERQUE LEAL
(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/
Fundação para a Ciência e Tecnologia)

ABSTRACT: This paper intends to analyse the occurrence of theoretical discourse in the text genre cartoon. Following the socio-discursive interactionism (ISD), we assume the relationship between types of discourse and texts. This article is organised as follows: first, we will approach some theoretical considerations on the constitution of discursive worlds; second, we will apply the text analysis model, as defined in ISD, in order to point out the occurrence of segments of theoretical discourse as a strategic recourse, allowing the recognition of the identity of this particular genre and its textual realization.

KEYWORDS: Text Genre; discursive world; types of discourse, Socio-Discursive Interactionism; mood strategies.

1. Introdução

As tendências atuais nos estudos da linguagem têm procurado focalizar o texto como um objeto privilegiado da interação humana. É o caso do Interaçãoismo Sociodiscursivo (daqui em diante ISD) proposto por Bronckart (1999:69) ao afirmar que uma língua, como motor propulsor das relações humanas, só pode ser apreendida dentro de produções verbais denominadas textos. A noção de texto dessa corrente teórica é entendida como atividade global da comunicação que define, em grande parte, as propriedades e os conjuntos de relações a serem observados.

Na perspectiva teórica do ISD, os textos, como resultados das actividades humanas, implicam, na sua organização e no seu funcionamento, operações cognitivas e realizações linguísticas que dependem das escolhas do agente. Entre essas vemos em evidência o gênero e os tipos de discurso como sistemas que interagem com o próprio sistema da língua. Para Bronckart (2008:86) os gêneros constituem formas textuais padronizadas que são momentaneamente estabilizadas pelo uso no momento da sua produção. Configuram-se como modelos que são adotados e adaptados pelo agente a uma situação comunicativa. Já os tipos de discurso (discurso interativo, discurso teórico, narração e relato interativo) são manifestações linguísticas que aparecem em posição infraordenada no texto e que indicam o tipo de relação existente entre o mundo discursivo construído no texto e o mundo comum do

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 223-234

agente. Assim, essa perspectiva teórica mostra que o sistema de gêneros tem uma estreita dependência para com as atividades sociais e que os tipos discursivos são entidades da língua que estão presentes nos gêneros, de certa forma “alimentando-os” e sendo por estes “alimentados”, mantendo uma relação de alguma dependência, como no caso do gênero *cartoon*, objeto de análise desse artigo. Compreender como se processam as relações entre o gênero e os tipos de discurso nos permite averiguar os aspectos que compreendem a produção textual, desde a situação comunicativa em que o texto se realiza até aos elementos que o compõem. Desta forma, enquanto foco de análise, o texto será aqui tomado não só como unidade linguística, mas também, e sobretudo, no sentido de produções verbais e/ou não-verbais, orais ou escritas, concretamente realizadas, que veiculam um efeito de sentido em que a linguagem é um componente central.

Partindo desse quadro teórico, este trabalho tem como objectivo avaliar o papel que o discurso teórico exerce no gênero textual *cartoon*. Assim, no intuito de atingirmos o nosso objetivo, este artigo organiza-ser-á em três partes. Na primeira parte, procuraremos apresentar os pressupostos teóricos que sedimentam essa pesquisa. Em seguida, na segunda parte, mostraremos algumas das características que são inerentes ao gênero “cartoon”. Na terceira parte, procuraremos demonstrar as marcas linguísticas que atestam o uso do discurso teórico para, em seguida, verificar de que forma essas marcas são usadas pelo autor do texto como estratégia para a construção do humor. Por fim, concluiremos ao atestar a forma através da qual o próprio gênero constrange o uso desse tipo de discurso. Para isso, iremos trabalhar com cartoons recolhidos em três dos jornais de maior circulação em Portugal, a saber: Público, publicado no dia 22/01/2006 e outro no dia 15/01/2006; Correio da Manhã, no dia 16/01/2006; e Diário de Notícias, no dia 18/01/2006.

2. Perspectivas Teóricas: o discurso teórico

Para o ISD, a organização interna dos textos, conhecida por arquitetura textual, possui três níveis superpostos e interativos que são a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Os tipos de discurso e suas modalidades de articulação juntamente com a organização temática do texto fazem parte do nível da infra-estrutura, considerado o nível mais profundo. Podemos definir os tipos de discurso como unidades linguísticas infraordenadas de número limitado que estão presentes nos textos e, conseqüentemente, de maneira composta nos gêneros textuais. Essas formas linguísticas “traduzem” operações psicológicas que refletem a criação de mundos discursivos que, por sua vez, são configurações de representações construídas para a troca entre as representações pessoais do agente e as representações colectivas do seu ambiente, isto é, do mundo em que se desenvolvem as ações dos agentes produtores da comunicação. Assim, os mundos discursivos são mundos virtuais criados pela atividade de linguagem. Eles “organizam as relações entre as coordenadas do mundo vivido do agente, as de sua situação de ação e as dos mundos construídos coletivamen-

te” (Bronckart 2006:148). Esses mundos discursivos são construídos com base em dois subconjuntos de operações: as primeiras referem-se à relação existente entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as coordenadas do mundo real do produtor; as segundas esclarecem o relacionamento das diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal com os parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor e espaço-tempo da produção). Desse modo, as primeiras referem-se à presença ou não de marcas no texto que atestam para o agente numa relação de implicação (no caso de haver indícios que confirmam a presença no espaço textual do agente responsável pela produção do texto) e de autonomia (se não houver marcas expressas do produtor textual no acto de produção); as segundas operações estabelecem a relação existente entre as coordenadas do conteúdo temático e as coordenadas da situação de produção (sua inscrição espaço-temporal), nessa linha, temos a conjunção (mundo de *Expor*) que mostra um espaço-tempo como conjunto ao da interação social, e a disjunção (mundo do *Narrar*) quando há marcas que atestam para um espaço-tempo independente, ou mesmo, à parte do mundo real. Essas operações vão dar origem a quatro mundos discursivos: *mundo do expor implicado*; *mundo do expor autônomo*; *mundo do narrar implicado*; e o *mundo do narrar autônomo*.

A partir da construção dos mundos discursivos, Bronckart (1999/2008) propõe a existência de quatro tipos de discurso, a saber: *o discurso interativo* (mundo do *Expor* implicado); *o discurso teórico* (mundo do *Expor* autônomo); *o relato interativo* (mundo do *Narrar* implicado) e a *narração* (mundo do *Narrar* autônomo). Este autor ainda assume que, no eixo do *expor*, há a possibilidade de um tipo de discurso misto, *o discurso interativo-teórico*, que envolve características tanto do discurso interativo quanto do discurso teórico. No quadro abaixo, Bronckart (2008:71) sintetiza as relações dos tipos de discurso.

		Organisation temporelle	
		Conjonction EXPOSER	Disjonction RACONTER
Organisation actorielle	Implication	<i>Discours interactif</i>	<i>Récit interactif</i>
	Autonomie	<i>Discours théorique</i>	<i>Narration</i>

Esquema dos tipos de discurso: retirado de Bronckart, 2008:71

Ainda com relação aos tipos de discurso, Bronckart (2006:155) explica que o agente-produtor ao produzir um tipo de discurso coloca em evidência processos mentais e de linguagem que são os raciocínios: os raciocínios práticos para os discursos interativos e os relatos interativos; os raciocínios de ordem lógica ou semiológica nos discursos teóricos; e, os raciocínios causais/cronológicos para as narrações. É importante sublinhar aqui que a escolha dos tipos de discursos por parte do agente-produtor do texto está condicionada a interpretação que ele tem da situação comunicativa na qual o texto é gerado.

Na ordem do Expor, as relações que se estabelecem no **discurso interativo** caracterizam-se por uma relação de conjunção, ou seja, as coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático são apresentadas como **conjuntas** à da ação de linguagem; e por uma relação de implicação, uma vez que o texto explicita (**implica**) a relação entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem com referências dêiticas a esses mesmos parâmetros. Desse modo, o texto apresentará características que marcam a presença do produtor e também que mostram o momento da produção, indicando, com isso, as relações que estabelecem o mundo discursivo construído, nesse caso, o do “expor implicado”. Algumas dessas características são: a) entrada imediata no assunto e/ou a ausência de qualquer origem espaço-temporal; b) presença de unidades que remetem à própria interação verbal, quer seja real, quer seja encenada; c) nas formas dialogadas, a interação marca-se pelos turnos de fala e, sobretudo, tanto nos diálogos quanto nos monólogos, pela presença de numerosas frases não declarativas; d) presença de uma densidade verbal elevada e, correlativamente, por uma densidade sintagmática muito baixa; entre outras.

Já as relações que são estabelecidas no **discurso teórico** se caracterizam por uma relação de **conjunção**, mas apresentam uma relação de **autonomia**, ou seja, o texto não explicita a relação entre as instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e os parâmetros da ação de linguagem, não havendo quaisquer referências dêiticas. Algumas das características linguísticas que apontam para o Discurso Teórico (DT) são: a) monologado e escrito e esse carácter se traduz principalmente pela ausência de frases não-declarativas; b) ausência de qualquer origem espaço-temporal, ou seja, não há unidades lingüísticas que se referem ao espaço-tempo da produção; c) nenhuma unidade lingüística refere-se ao agente-produtor; d) A interpretação não requer nenhum conhecimento dos parâmetros da situação de ação de linguagem de que se origina; e) uso de operadores lógicos; f) caracteriza-se por uma densidade verbal muito fraca e, correlativamente, por uma densidade sintagmática extremamente elevada; entre outras.

3. O *cartoon*: um género textual em tríade

Segundo Cadet, Charles & Galus (2002:52), o *cartoon* apresenta um texto verbal e traços (que podem ser aqui expressos como imagens) desen-

volvidos a partir de uma situação da actualidade. Reconhecido como um género jornalístico, tem a intenção de provocar o riso do leitor, sendo por isso, conhecido como um texto que traz uma opinião de forma humorística, mesmo a partir de uma situação trágica, ou mesmo que o assunto seja trágico. Um género em tríade, no qual três elementos são essenciais: a imagem, o humor e temas sociais e políticos. Desse modo, podemos afirmar que esses três parâmetros farão parte desse género como características que marcam a sua “personalidade” e que possibilita o seu reconhecimento pelos interlocutores.

Com relação a imagem, podemos dizer que esse componente é fator determinante para o reconhecimento desse género. Afinal, poderá haver *cartoons* que não utilizam a linguagem verbal, mas, nenhum poderá funcionar sem imagem, ou seja, linguagem não verbal. Sendo assim, o *cartoon* pode conter elementos caricaturais ou conjugar-se em uma banda desenhada. Pode trazer uma imagem ou uma sequência de imagens, podendo ter balões ou apenas legendas, sendo por isso reconhecido como icônico ou icônico-verbal, sendo que texto e imagem desempenham papel central. Segundo Beguin-Verbrugge (2006:123), “La première vision de l’image graphique d’un texte fonctionne comme une matrice de sens que préoriente la lecture parce qu’elle est associée à différents genres textuels”. Isso é especialmente aplicado ao *cartoon*, uma vez que a imagem (não apenas gráfica) é o aspecto que determina o seu reconhecimento e orienta para a sua função. O funcionamento da parceria, imagem mais linguagem verbal, cria os parâmetros da situação de ação da linguagem em curso, trazendo informações sobre personagens, grupos ou instituições e sua relação com o contexto em que estão inscritos. O certo é dizer que na feitura do *cartoon*, que prende a atenção do leitor por um tempo mais curto, utiliza-se uma grande composição não-verbal trazendo ou não trazendo linguagem verbal.

No que diz respeito à temática, o *cartoon* sempre traz assuntos da actualidade, sejam elas políticas, religiosas, esportivas, ou outras. Além disso, esses temas são opiniões dos autores que os expressam de forma satírica. Para exemplificar: a eleição presidencial americana, que ocorreu dia 04 de Novembro de 2008, foi tema em *cartoons* nos vários jornais de diversos países, como Portugal, Espanha, França e Brasil. Em Portugal, pelo menos, foi tema dos dois principais jornais em circulação: o Diário de Notícias e o Público, tendo este último trazido esse tema nos *cartoons* do dia 5,6,7 de Novembro de 2008. Desse modo, podemos atestar que o *cartoon* corresponde a uma acção comunicativa constrangida pelo contexto social, histórico e cultural. E é por isso que o seu conteúdo temático sempre retoma um tema da actualidade. Tendo como grande temática “a vida pública”, social e política.

Acerca do humor, Charaudeau (2006:21), esclarece que, apesar de ser cultural, é uma estratégia passível de ser verificada em vários géneros. Possenti (2005) complementa esse pensamento ao verificar que o humor é elaborado também linguisticamente. No caso do *cartoon*, podemos afirmar que o fazer humor é umas das características desse género textual. Isto faz com

que ele seja não só ligado a uma actividade jornalística, visto ser publicado em jornais ou revistas, mas também considerado dentro de uma actividade lúdica. Podemos também dizer que o *cartoon*, enquanto género textual, estabelece um jogo enunciativo, no qual o cartoonista, como locutor, está autorizado a ser satírico tanto através da imagem como da linguagem verbal. O humor, nesse caso, é realizado pelas referências do mundo ordinário do produtor que é semelhante ao do leitor e com o qual este irá encontrar caminhos suficientes para chegar à construção das ideias satirizadas pelo cartunista. Assim, o género *cartoon* está autorizado socialmente a fazer humor, inclusive com temas considerados *tabus*, tendo o seu destinatário como parceiro no seu processo lúdico.

4. Análise dos textos: Do que você está rindo? Ou a lógica trocada.

Ao fazer o *cartoon*, o autor traz o mundo ordinário (o mundo real dos agentes da produção textual) para o texto e apresenta parâmetros ligados ao conteúdo temático que são interpretados à luz dos critérios de validade do mundo ordinário. Também, através dos diálogos temos acesso ao momento da produção representada em cena; como ainda, através da imagem, conhecemos não só a presença dos produtores desses diálogos como também temos acesso a sua situação de produção física e social. Desse modo, podemos considerar que as relações de implicação e conjunção serão transversais a todo o género *cartoon*. No entanto, a partir das análises, verificamos que o discurso teórico é muitas vezes parte da produção desses mesmos *cartoons*, revelando, com isso, uma relação não só de implicação, mas também de autonomia. Certamente, ao analisar o *cartoon*, podemos dizer que esse género apresenta-se num mundo do Expor numa relação de conjunção, principalmente, quando damos maior ênfase à relação texto/leitor. Desse modo, podemos nos perguntar que papel o discurso teórico exerce no *cartoon*. Sem dúvida, as estratégias que são usadas para realizar o humor, no caso dos *cartoons* aqui escolhidos, passam não só pela semiotização linguística – tipos de discurso, mas também pela relação destes com os tipos de raciocínio. Também, outras formas de semiotização (imagens) apresentam uma constante interação com o sistema dos tipos de discurso, mas não será esse o foco desse artigo. Vejamos, então, à análise dos *cartoons* escolhidos.

O texto A intitulado “O Pavilhão de Portugal”, publicado no dia 22/01/2006, foi retirado da revista “Pública” vinculada semanalmente pelo jornal “Público”. O autor do texto, Miguel, apresenta, sob o título “coisas públicas” um *cartoon* com temas que opinam sobre objetos ou costumes culturais que são próprios de Portugal. Nesses textos que fazem parte do conjunto “Coisas Públicas”, a composição segue sempre um estilo característico das histórias em quadrinhos. O texto, assim, é apresentado quadro por quadro, sendo lido da esquerda à direita obedecendo ao processo de leitura ocidental. Observemos o texto abaixo:

O texto A: “O Pavilhão de Portugal”



Com relação às marcas linguísticas do discurso teórico (DT), nesse exemplo, podemos apontar o uso de frases declarativas: “um pavilhão é como um país”; o tempo do verbo é o “presente do indicativo”, tempo esse que também ocorre no discurso interativo. Contudo, é importante salientar que o seu valor irá variar de acordo com o tipo de discurso em que esse tempo aparece. Ou seja, no discurso interativo o “presente do indicativo” tem um valor de simultaneidade, mas no discurso teórico tem um valor mais “geral”, independente das relações temporais expressas. Também é possível observar a presença de operadores lógicos como o “mas” e a não existência de marcas dos agentes da interação. Assim o DT aparece, nesse *cartoon*,

como constituinte de uma planificação ao interagir com a imagem o que dá a idéia de uma texto teórico como por exemplo, os textos explicativos mas que este, nesse caso, aparece cortado pelas imagens sequenciadas. Além disso, o DT não só introduz o tema como é, ao longo do texto, ferramenta de desenvolvimento temático, dando a entender uma explicação ao leitor sobre o que é o “pavilhão de portugal”. Além do mais, esse mesmo texto está intercalado pelo tipo de discurso interativo (DI) marcado pelas frases interrogativas, como exemplo temos: “um romântico cinema ao ar livre, *horizontal?*”. Desse modo, esse texto assinala para uma troca de raciocínios entre ora o lógico ora o prático. Isso é feito ao longo de todo o texto. Podemos concluir que as estratégias humorísticas nesse texto apontam para o uso do DT como planificador textual e também como organizador temático. Além disso, há um jogo entre o tipo do Discurso interativo e o tipo de Discurso teórico: ora um ora outro aparecem ao longo do texto num encontro intercalado entre os raciocínios lógicos e práticos.

O texto B foi retirado do jornal “Correio da Manhã”, com publicação na data de 16/01/2006, que apresenta diariamente *cartoons*, sob o título Quiosque, do autor Carlos Laranjeira, com a temática sobre assuntos que estão mais presentes na sociedade. Esse tipo de *cartoon*, em particular, além de apresentar pessoas em seus cotidianos a lerem e comentarem as notícias, ainda apresenta pássaros que também fazem o mesmo que os humanos, ou seja, lêem o jornal e comentam as notícias. Vejamos o texto abaixo:

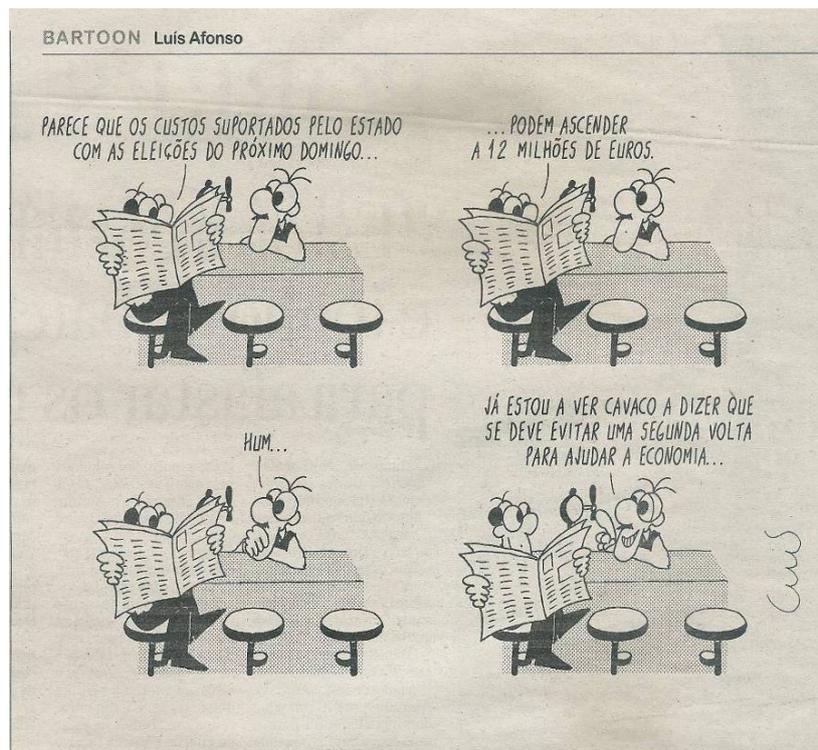
O texto B: Quiosque



Assim como o exemplo anterior, o uso do DT também apontará para uma planificação do texto, uma vez que o DT é utilizado no início do texto,

e, no fim, como parte de um discurso misto: interativo-teórico, marcando uma introdução para o primeiro caso, e uma conclusão para o segundo. Além disso, o desenvolvimento, ou melhor, o “meio do texto”, no segundo balão, mostra marcas do discurso interativo. As marcas que atestam o discurso teórico, no primeiro balão, apresentam-se por meio do uso do verbo na forma passiva; também pelo uso de frases declarativas e pela ausência de marcas do agente-produtor. Já no discurso misto, temos como marcas do DI o uso da primeira pessoa do singular e como marca do DT a frase declarativa “o voto é secreto”. A estratégia de humor é justamente o uso do DT como introdutor do tema e depois na participação do fecho quando a pergunta feita pelo DI será respondida pelo DT.

O texto C: Bartoon



O texto C intitulado Bartoon que tem tiragem diária foi retirado do jornal “Público” no dia 15/01/2006. O autor do texto, Luís Afonso, apresenta sempre a cena do bar, na qual o funcionário é constante, variando apenas aqueles que frequentam o estabelecimento. O próprio bar caracteriza-se como um costume cultural do português (é comum entre os portugueses a frequência do bar/café). Nessa cena de bar, ocorrem diálogos sobre um tema do dia-a-dia que esteja vigente na sociedade no momento da elaboração do

cartoon. Também é interessante notar que, no “Bartoon”, a estrutura utilizada lembra-nos a história em quadrinhos, sendo a cena representada sequenciada em quadros.

O discurso teórico aparece aqui no primeiro e segundo balão, com o uso da frase declarativa e o tempo verbal pretérito do perfeito (“podem”), juntamente com a ausência de marcas do agente-produtor. E, numa combinação mista, no último quadro, com o discurso interativo: o DI – “já estou a ver”, apresentado pelo uso da primeira pessoa; e o DT – pela frase declarativa, “Cavaco a dizer que se deve evitar uma segunda volta para ajudar a economia”. Com relação ao papel que o discurso teórico exerce nesse exemplo, temos mais uma vez o DT, assim como no texto B, como introdutor do tema no primeiro quadro e, na versão mista, no último quadro, marcando o fecho do texto, em que os dois tipos de raciocínios (lógico e o prático) se encontram presentes.

E, finalmente, o texto D foi retirado do jornal “Diário de Notícias”, na data de 18/01/2006, que traz diariamente *cartoons* com o título Cravo & Ferradura, do autor Bandeira, no qual apresenta pessoas em seus cotidianos a comentarem os assuntos que estão mais presentes na sociedade. Os *cartoons* “Cravo e Ferradura”, assim como o “Bartoon”, apresentam a cena representada de uma forma sequenciada, com três ou duas cenas. Em alguns casos, também aparece em forma de uma única cena. Vejamos o texto abaixo:

Texto D: Cravo & Ferradura



O discurso teórico, nesse texto, aparece no primeiro balão, no início do segundo e no último através da presença de frases declarativas com tempo verbal próprio do DT; também pela presença de marcadores lógicos, nesse caso, “mas”. Também surge, juntamente com o discurso interativo, no tipo misto, no final do segundo balão, com a frase declarativa como marca para o DT e para o DI, com o uso da primeira pessoa: “meu amigo”. O papel do discurso teórico aqui se fará notar como planificador textual pela introdução e conclusão, e, também como organizador temático. Interessante notar que o DT como conclusão será também o “gatilho” do humor nesse texto. Como já dito, o tipo de discurso teórico provém do processo mental de linguagem conhecida como raciocínio lógico. Nesse caso, o discurso teórico nos dois primeiros balões, traz sem dúvida o processo mental que o caracteriza, ou seja, o raciocínio lógico. Em seguida, temos um discurso misto: interativo-teórico que mostra dois tipos de raciocínio em conjunto – o lógico e o prático. Contudo, no último balão, ocorre um diferencial no uso do DT e que será a chave para o humor. Nesse caso, o discurso teórico “a nata da sociedade está nos pastéis de Belém” tem por trás um processo mental associado ao raciocínio prático, ocorrendo, de fato, uma troca de tipos de raciocínio, já que “nata da sociedade” não será aqui associado à “elite da sociedade”, como seria lógico, mas será associado ao “doce típico português”, que advém do seu conhecimento prático. Desse modo, sucede uma dissociação entre o tipo de discurso e o tipo de raciocínio quando o leitor conclui a sua leitura. Assim, podemos afirmar que, sem dúvida, o DT com raciocínio prático configura-se como um dos processos mentais e languageiros para a construção do humor.

5. Conclusão:

Para concluir, reiteramos, em primeiro lugar, que o gênero textual se relaciona com as nossas práticas sociais, e que estas vão influir nas características apresentadas pelos textos. Em segundo lugar, reafirmamos as palavras de Bronckart (1999) quando considera que o agente-produtor, numa situação de ação de linguagem, depara-se com três tipos de decisões. O primeiro refere-se à escolha do gênero; o segundo será decidir-se quanto ao tipo de discurso (nessa escolha, há, pelo menos, duas categorias de procedimentos psicológicos: a constituição do mundo discursivo e a escolha quanto ao grau de implicação da situação material da produção) e, por fim, tomará decisões relativas à construção da coerência. Partindo dessas afirmações, podemos defender que a relação entre a ação de linguagem e o gênero se apresenta de um modo dinâmico, variando de acordo com o momento social, cultural e histórico. Essa relação se faz sentir ao observarmos o modo como os tipos de discurso são semiotizados nos cartoons. Como resultado da nossa análise, podemos verificar que o uso do discurso teórico atende a um papel específico diferente do que é normalmente utilizado em gêneros sem cariz humorístico. Sem dúvida, o discurso teórico, como foi mostrado nesses

exemplos, é utilizado como estratégia para fazer humor nas “mãos” dos cartunistas. Portanto, a relação gênero de texto e tipos de discurso aparece de forma evidente na nossa análise e mostra que o gênero até permite uma não associação entre o tipo de discurso e o tipo de raciocínio. Afinal, o gênero “cartoon” traz o aspecto humorístico e esse reveste-se de diversas formas, inclusive, apresentando uma lógica trocada.

6. Bibliografia:

- Beguín-Verbrugge, Anette (2006). *Images en texte, images du texte: dispositifs graphiques et communication écrite*. France: Presses Universitaires du Septentrion.
- Bronckart, Jean-Paul. (1999). *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos. Por um Intencionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- Bronckart, Jean-Paul (2006). *Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. In: Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles (orgs). Campinas: Mercado de Letras.
- Bronckart, Jean-Paul (2007). A atividade de linguagem frente à LÍNGUA: homenagem a Ferdinand Saussure. In: Guimarães, A; Machado, A; Coutinho, A (orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: Questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado das Letras, pp. 19-42.
- Bronckart, Jean-Paul (2008). *Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue*. Texto! Janvier, vol. XIII, n.º 1. Disponível em <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>.
- Cadet, C; Charles, R & Galus, J. -L (2002). *La communication par l’image*. France: Nathan, 2.^a ed.
- Charaudeau, Patrick (2006). Des catégories pour l’humour? In: Revue questions de communication. France: Presses Universitaires de Nancy. Ed: 10.2006; pp. 19-41.
- Coutinho, Maria Antónia (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG-FCT.
- Coutinho, Maria Antónia (2005). Para uma linguística dos gêneros de texto, *Diacrítica* 19/1, Braga: Universidade do Minho.
- Coutinho, Maria Antónia (2006a). Le rôle des discours rapportés dans l’organisation textuelle: le cas des comptes rendus de lecture. In Lopez-Muñoz, J-M, Marnette, S. & L. Rosier (éds). *Dans la jungle du discours rapporté: genres de discours et discours rapporté*. Cádiz: Publicaciones de la Universidad de Cádiz, pp. 227-236.
- Coutinho, Maria Antónia (2006b). O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Veredas* 10 (1-2). Também disponível em http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo07.pdf
- Leal, Audria (2008). A presença do discurso interativo no gênero textual cartoon. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* n.º 1, Julho de 2008, pp. 71-80.
- Possenti, Sírio (2005). *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado das Letras. 4.^a ed.